

ARTE E EMOÇÃO

Vera Lúcia Figueiredo Costa Rocha

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, a natureza e significado do ato criador, entenda-se, relativo não só à criação poética, mas outros tipos de arte, tem constituído motivo de debates, polémicas, reflexões, tanto por parte de filósofos, psicólogos, cientistas, assim como, e não poderia deixar de ser, pelos poetas.

Baseados na teoria estética de Fernando Pessoa em que diz: "A arte é apenas e simplesmente a expressão de uma emoção. Um grito, uma simples carta pertencem um à arte de cantar, à literatura à outra inevitavelmente...", tentaremos mostrar no presente trabalho teorias de outros escritores não só em confronto, como em aceitação à de Fernando Pessoa.

Parece perigoso entretanto e também atraente, o saber, que o poético por si já inclui uma gama de sentimento, emoção. Isto talvez nos conduza a uma tomada de posição, o que não seria nosso objetivo! Por outro lado, conscientes desta atração, procuraremos não relegar a emoção a plano secundário, mas fazer dela objeto de uma investigação racional.

Trabalharemos concomitantemente com as expressões: teoria intelectualista e teoria da emoção. Não pretendemos contudo, exaltar uma posição em detrimento da outra, porque seria incorrer em erro grave pensar que a teoria intelectualista é a mais verdadeira, mas também seria absurdo impregná-la e desprezá-la, pois que ela não exclui verdadeiramente a interferência da emoção na confecção da obra literária.

E afinal, o que é o homem, senão um ser dividido entre o trabalho e o divertimento, o consciente e o inconsciente, a felicidade e a não felicidade, o ser e o não ser? Daí se conclui que não se deve considerar isoladamente cada uma das teorias em apreço, porque uma e outra repousam em razões científicas e humanas poderosas. No restante, as duas completam-se, integralizam-se, fazendo-nos optar por uma fusão. Mas esse provável posicionamento, fica a cargo de cada um dos leitores. O nosso objetivo consiste apenas em fornecer subsídios, para uma maior meditação sobre o problema, e despertar em cada um de nós, aquele EU sedento por conhecimento, por entender o homem sempre mais, porque essa é também, uma maneira de viver melhor.

Teoria Intelectualista

No seu ensaio "A Filosofia da Composição", Edgar Allan Poe reconstitui todas as etapas utilizadas na confecção de seu poema "O Corvo". Refere-se aos poetas que dizem compor por meio de uma espécie de sutil frenesi, como aqueles temerosos que o público olhem por trás dos bastidores e percebam as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para só em seguida, atingir os verdadeiros propósitos. Afirma que nunca teve dificuldade em relembrar os passos progressivos de qualquer uma de suas composições, e é, com equilíbrio matemático que descreve este seu poema. Enfatiza que o trabalho caminhou progressivamente até completar-se, sem interferência do acaso ou intuição. Citaremos como ilustração algumas passagens resumidas deste ensaio:

1. Após escolhido o refrão do referido poema "Nevermore", que significa nunca mais, Poe tenta encontrar uma razão plausível para a sua contínua repetição. A palavra deveria ser monotonamente pronunciada. Mas o fato parecia irracional, desde que um ser humano com suas faculdades intelectivas normais em pleno funcionamento, jamais ficaria a repetir o mesmo vocábulo incessantemente. Daí lhe ocorrer a escolha de uma criatura não racional para o encargo da função. À primeira vista surgiu a figura de um papagaio como solução, sendo logo substituída pela de um corvo, igualmente capaz de falar e mais de acordo com o tom melancólico do poema, por ser uma ave de mau agouro.

2. Ao definir o tema pensou na Morte, e para se aliar mais de perto à Beleza, pensou na morte de uma bela mulher. E quem a narraria? Nada melhor do que um homem apaixonado...

Ele continua descrevendo minuciosamente todo o processo poético. Alia a teoria à prática, explicando cientificamente todos os passos e demonstrando ser um perfeito adepto da teoria intelectualista.

Cassiano Ricardo em seu livro intitulado *Algumas Reflexões Sobre Poética de Vanguarda*, defende a teoria de que não há poema sem trabalho. Faz alusão às palavras de Deus quando disse que o homem fará as coisas com o suor do seu rosto. Acrescenta ainda que a arte é talvez a única forma de trabalho, em que a criatura qualquer que fosse a sua condição social tinha que "dar duro". O poeta é um profissional como outro qualquer, e essa, é a única maneira de se integrar na sociedade que vive, como um ser participante.

Poética

1

Que é a Poesia?

uma ilha
cercada
de palavras
por todos
os lados

2

Que é o Poeta?

um homem
que trabalha o poema
com o suor do seu rosto

Um homem
que tem fome (Cassiano Ricardo)
como qualquer outro
homem.

Ao mesmo tempo, defende a utilização de linossignos — versos "em forma de", e desprovidos de qualquer esquema rítmico. Ou seja: algo livre, espontâneo, lembrando o encantamento da inspiração, ou os altos e baixos em que o poeta se deixa arrastar, levado pela corrente anímica, sem mar-

gens, sem princípio, nem fim. Dessa maneira, o teórico Casiano entra em contradição. Fato este verificado também em Fernando Pessoa, só que aquele parte de uma teoria intelectualista e chega a admitir aspectos inerentes à teoria da emoção, enquanto este a defende e depois faz versos que transmite a lucidez do ato criador. É o que veremos no poema retirado de sua Obra Completa da Editora Aguilar, página 165.

I s t o

“Dizem que finjo ou minto

Tudo que escrevo. Não.

Eu simplesmente sinto

Com a imaginação

Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,

O que me falha ou finda,

É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.

Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio

Do que não está ao pé,

Livre do meu enleio,

Sério do que não é.

Sentir? Sinta quem lê!

O último verso sintetiza a idéia de que não é função do poeta sentir o estado poético, mas sim criá-lo nos leitores.

Ezra Pound define o “bem escrever”, como uma maneira perfeitamente controlada do escritor dizer o que tem em mente, com total clareza e simplicidade, usando o menor número possível de palavras. Para ele, seu trabalho consiste em traduzir o mesmo tipo de clareza ao dizer: “Mandê-me um Rembrandt do tipo que eu gosto” nos termos de “Mandê-me quatro libras de pregos de dez centavos”.

Valéry, último dos clássicos, e elaborador de uma psicologia da criação que não separa a arte da ciência, diz: “Quanto a mim que sou, confesso-o, muito mais atento à formação ou à fabricação das obras do que a elas próprias, tenho costume ou a mania de apreciá-las apenas como ações”.

São suas também as seguintes palavras: "... prefiro compor uma obra medíocre, embora lúcida, do que uma obra-prima em estado de transe".

Em suma, Poe, Cassiano Ricardo, Ezra Pound, Valéry e outros, concebem a criação poética como atividade lúcida, disciplina mental, realizando a obra de arte, através de um vigilante esforço e da voluntária aceitação de regras.

Teoria da Emoção

Para melhor desenvolvimento desta teoria, denominaremos cada um de seus seguidores — poeta inspirado. Este tipo de poeta deixa-se levar pelo fluxo arrebatador de seus sentimentos. Seu poetar é involuntário e desabrocha espontaneamente, sem possuir características racionais de burilamento ou elaboração. Defende a arte pela arte, tornando-se mero instrumento de uma dupla libertação: da arte e de si próprio. Não é partidário de facções políticas, sociais ou religiosas; fazendo-nos lembrar a classe marginalizada da República de Platão, em que a valoração do indivíduo era proporcional à sua participação e serviços prestados à Pátria. Contudo, a liberdade defendida por eles não é permissiva, tem suas regras próprias, embora elas estejam em função da disposição do espírito e sentimentos ambivalentes do poeta, constituindo objeto e não objetivos, do criar literário.

O poeta inspirado ou também conhecido como "possesso", formula um eu singular e único, capaz de comunicar-se com o inconsciente, que no caso representaria o incomunicável, o universal. E neste ponto, surge a psicanálise em nosso auxílio, representada pelas figuras dos grandes cientistas — Freud e Jung.

Na perspectiva freudiana o inconsciente é visto como um depositário de forças ocultas da libido, que necessitariam de repressão ou transferência de toda sua potencialidade para outro setor, que não o sexual; proporcionando dessa maneira ao indivíduo um perfeito equilíbrio, para viver nesta sociedade, eminentemente repressora.

Jung, seu discípulo, contradiz o Mestre na medida em que vê o inconsciente, sob uma perspectiva menos científica e mais filosófica, definindo-o como a região onde se encontra os aspectos mais valiosos e significativos do homem. Desenvolveu a noção de inconsciente coletivo como: "parte do inconsciente individual que procede da experiência ancestral

e transparece em certos símbolos encontrados nas lendas e mitologias gregas constituindo os arquétipos". Esta noção está de acordo com aquela defendida por Eliot em seu ensaio "Tradition and the Individual Talent": "nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, tem o seu significado completo sozinho. O seu significado, a sua apreciação, é a apreciação da sua relação com os poetas e artistas mortos. O sentido histórico compele um homem a escrever não meramente com a sua própria geração nos ossos, mas com um sentimento de que toda a literatura da Europa desde Homero, e dentro dela, toda a literatura do seu próprio país, tem uma existência simultânea e constitui uma ordem simultânea". Observamos que no presente ensaio houve apenas uma mudança de nomenclatura, a noção de inconsciente coletivo persiste. Ela, juntamente com a teoria do inconsciente individual vieram clarear a análise de várias obras, que eram consideradas obscuras ou pertencentes às forças do demo. Simultaneamente enfatizaram a teoria da emoção, que retrata o inconsciente, aquele outro "eu" existente em cada um de nós, e em maior potencialidade nos artistas.

"Vivem em nós inúmeros,
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa

Tenho mais almas que uma
Há mais eus do que eu mesmo
Existo todavia
Indiferente a todos
Faço-os calar: eu falo

Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sôu
Ignoro-os, Nada ditam
A quem me sei: eu 'screvo.

Fernando Pessoa. Ob. Completas, pág. 291.

Edit. José Aguilar.

Nos versos acima, Fernando Pessoa coloca-se como instrumento através do qual a obra literária se realiza. Reconhece a presença de outros "eus" pululando dentro de si. E a voz do poeta surge, como aquela superior, destinada a falar para a humanidade, subjugando toda a ambivalência, sentimentos contraditórios que vivem em constante tensão dentro do escritor. O escrever funciona como uma libertação, um impulso que faz o poeta ignorar os outros. Frente a ele, os demais "nada ditam".

Muitas vezes o esforço consciente gera no poeta uma espécie de cansaço, insatisfação, o que não é de se estranhar, visto que, ao usar apenas o raciocínio, o escritor está explorando simplesmente 1/3 de todas as suas potencialidades. No momento em que ele registra no papel aquilo que jorra do seu inconsciente como uma espécie de transe ou alumbramento, sente-se aliviado de suas tensões, como se estivesse em estado de graça, estado de criação. E os leitores ao se colocarem em estado receptivo, estarão também possuídos de uma leveza, elevação, porque o "poeta possessor" ao criar, está transmitindo uma voz que não é a sua, ou pelo menos naquele momento não lhe pertence, é universal. Algo semelhante à voz de Deus, que acompanha todas as gerações desde tempos infinitos. E, neste estado de não resistência, receptividade, entrega total, nos sentiremos fortes (a analogia da água — forte e geradora de energia por não oferecer resistência), por que possuídos por "Esta espécie de loucura

Que é pouco chamar talento
E que brilha em mim, na escura
Confusão do pensamento".

Fernando Pessoa, Ob. Compl. Pág. 192. Ed. Aguilar.

A loucura como veículo de liberdade, porque sentimento, criação, emoção, nos traz felicidade. Portanto sejamos loucos, para fazermos os outros e o mundo melhores.

CONCLUSÃO

Observamos no decorrer do trabalho que:

1. A obra de arte é o resultado da fusão de elementos provenientes tanto da esfera consciente, quanto inconsciente.

2. A emoção é fonte enriquecedora do criar artístico, atingindo entretanto pleno efeito, quando acompanhada de um posterior burilamento e canalização dos sentimentos e idéias provenientes do êxtase inicial.
3. Os escritores e teóricos se contradizem ao tomar determinada posição diante do tema, fazendo-nos concluir que em algum momento de suas vidas, ora eram partidários da teoria intelectualista, ora da teoria da emoção.
4. Ambas as teorias são válidas na medida em que são portadoras de verdades absolutas.
5. Emoção é beleza, é alegria, é tristeza, é delírio, é a Vida em todas as suas manifestações estéticas. Logo, seria impossível existir Arte sem Emoção.

BIBLIOGRAFIA

1. Dufrenne, Mikel. **O Poético**. Editora Globo, 1969.
2. Eliot, T. S. **Selected Essays**. Faber and Faber Ltda. London, 1972.
3. Leite, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**. Conselho Estadual de Cultura, São Paulo.
4. Pessoa, Fernando. **Obras Completas**. Editora José Aguilar, Rio de Janeiro, 1974.
5. Poe, Edgar Allan. **Poesia e Prosa**. Obras Escolhidas: A Filosofia da Composição, páginas 501-511. Editora Globo, 1960.
6. Pound, Ezra. **A arte da poesia**. Editora Cultrix, São Paulo.
7. Ricardo, Cassiano. **Algumas Reflexões sobre Poética de Vanguarda**. Editora José Olympio, 1964.
8. Ricardo, Cassiano. **Seleção em Prosa e Verso**. Coleção Brasil Moço. Editora José Olympio, 2.^a edição. Rio de Janeiro, 1965..